
A MANUTENÇÃO DE PADRÕES MACHISTAS NA SOCIEDADE ATUAL E ALGUNS DE SEUS IMPACTOS SOBRE AS MULHERES, ESPECIALMENTE AS MULHERES QUE SE ENCONTRAM EM UM RELACIONAMENTO ABUSIVO¹

Carla Vitória Barbosa de Sousa*

Henrique Martins Silva Paiva*

RESUMO

Tendo em vista o aumento de dados estatísticos de mulheres sofrendo violências, a pesquisa teve como foco investigar o que já foi publicado na Psicologia acerca da temática do machismo e relacionamento abusivo vivido por mulheres em relações conjugais/afetivas heterossexuais. Assim, este estudo tem como objetivo desvelar as possíveis variáveis relacionadas à manutenção de padrões machistas na sociedade atual e alguns dos seus impactos sobre as mulheres, especialmente as que se encontram em relacionamentos abusivos. Compreende-se que transpassar os aspectos de uma relação conjugal abusiva constitui-se como um desafio, para isso esse artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que foi realizada uma pesquisa de revisão bibliográfica em bancos de dados como a SciELO (Scientific Eletronic Library Online), PepSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e ao Google Acadêmico (entre outras). Desse modo, os resultados apresentando nas unidades de análise demonstraram que a violência presente em relações conjugais/afetivas concerne à violação dos direitos humanos das mulheres. Desta forma é fundamental o desdobramento de políticas públicas que as reduzam, do cumprimento e a criação de leis mais rígidas, além da necessidade de estratégias que estejam voltadas para o acolhimento feminino, como por exemplo, uma rede de apoio que ofereça atendimento psicológico gratuito para mulheres que sofrem de qualquer tipo de violência psicológica.

Palavras-chave: Relacionamento abusivo; Machismo; Micromachismo; Violência contra a mulher.

¹ TCC em formato de artigo, apresentado ao Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (FACEC), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

* Estudante do 10º período de Psicologia na Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC Barbacena. *E-mail:* carlavitoriabs123@gmail.com

* Estudante do 10º período de Psicologia na Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC Barbacena. *E-mail:* henriquedemaria04@gmail.com

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher no Brasil cresce de forma abundante, tendo em vista que se tornou uma das mais frequentes violências de convívio social na atualidade. Sabe-se que a violência se caracteriza, ou por alguma agressão de forma física, utilizando da força ou de forma moral, sexual e até mesmo patriarcal, reforçando o poder sobre o outro.

Portanto, sabe-se que a violência contra a mulher se torna um aprisionamento para a vítima, causando grandes consequências para a sua vivência, entrelaçando com a culpabilização mantida em torno de suas atitudes. Conforme o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada & Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019) considera-se que no Brasil, só no ano de 2017, dos 4.936 assassinatos de mulheres registrados, entre 28,5% e 39,3% ocorreram dentro da residência, indicando feminicídios resultantes de violência doméstica (IPEA; FBSP, 2019). Visualizando essa porcentagem, é possível perceber o grande número de vítimas que são reificadas em um relacionamento.

Com base nisso, é importante ressaltar o problema enraizado na sociedade que, por conseguinte, aumenta o número de vítimas em relacionamentos, principalmente, em relacionamentos abusivos. Com isso, o presente artigo, tem como objetivo investigar as possíveis variáveis relacionadas à manutenção de padrões machistas na sociedade atual e alguns dos seus impactos sobre as mulheres, especialmente as que se encontram em relacionamentos abusivos.

Desta maneira, o estudo contou com alguns objetivos específicos, sendo eles: a análise da influência do contexto histórico da sociedade e sua influência no desenvolvimento e manutenção dos padrões machistas que acarreta o relacionamento abusivo; a análise do contexto familiar e cultural do indivíduo que está em situação de relacionamento abusivo e os impactos psicológicos sobre as mulheres que o relacionamento abusivo transfere. E isso se dá pelos estudos de artigos acadêmicos pesquisados e citados ao longo do artigo.

A relevância do estudo se deu através da importância da visibilidade do tema, tendo em vista, o aumento de dados estatísticos de mulheres sofrendo violências, uma maior abertura para abordar o assunto em revistas, jornais, internet, entre diversos meios de comunicação que mencionam o relacionamento abusivo e os padrões machistas, em seus diversos âmbitos, como um foco de pesquisa necessária, com enfoque em busca de entendimento desses padrões machistas e a necessidade do aumento de informações perante a sociedade, no meio acadêmico e para a psicologia.

Por fim, conta-se que esse estudo contribua para o conhecimento sobre a conjuntura dos relacionamentos abusivos e como os padrões machistas e estruturais, mesmo que muitas vezes “não perceptíveis”, apresentam consequências para grande parte da sociedade, evidenciando mulheres.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Discorrer sobre o machismo é um tanto complexo, pois existem variáveis para identificar tal comportamento, através das falas, condutas, práticas sociais, contexto histórico, cultural e familiar. Importante ressaltar que este comportamento machista enquanto modelo ideológico, não é restrito apenas a homens machistas, mas, também a mulheres machistas. Ele é aceito por todos e mediado pela “liderança” masculina. Ou seja, é através deste modelo normalizante que homem e mulher “tornam-se” homem e mulher, e é também através dele, que se ocultam partes essenciais das relações entre os sexos, invalidando-se todos os outros modos de interpretação das situações, bem como todas as práticas que não correspondem aos padrões de relação nele contidos (DRUMONT, 1980).

Para compreender tal comportamento em âmbito nacional, é importante perpassar por alguns aspectos históricos sobre a mulher e a submissão, a qual vem se arrastando por algumas décadas, inicialmente no período da colonização do Brasil, a mulher brasileira já era nomeada com funções exóticas, degradantes e até desumanas. Foram também admiradas, temidas como representantes do diabo e até reduzidas a objetos de domínio e submissão (SILVA *et al.*, 2005).

Em meados do século XVII, a mulher era entendida como um ser inferior e não desenvolvido comparado ao homem, e assim era papel da igreja "esterilizar" a sexualidade feminina, dando a ideia de que o homem era superior e provia autoridade. Os ideais que apregoavam que uma mulher deveria ser submissa a um homem vinham desde os primórdios da existência, alimentados por várias organizações: religiosas, midiáticas, sociais. As teorias cristãs, descritas na Bíblia, sugeriram que a mulher fosse criada a partir de partes do corpo do homem, assim, ela devia ser submissa a ele e cuidar da família, dentre outras proposições que a colocam em uma posição inferior a raça masculina (DELUMEAU, 1978). É somente a partir do século XIX que a mulher passa a ser reconhecida como o inverso do homem, ou sua forma complementar e iniciam-se as discussões sobre os gêneros. (PRIORE, 2001).

O homem tinha como papel ser provedor, conservar a honra, prestígio e respeito, enquanto a mulher deveria gerir a casa, cuidar dos filhos e ser recatada. Em alguns casos, atualmente ainda é estabelecido como papel da mulher, ser esposa, mãe e submissa, uma vez que desde da antiguidade à idade média, os casamentos eram acordados sem o consentimento da mulher, trazendo esse fator histórico para atualidade. Portanto, o poder do pai como sendo o homem da família, a submissão da mulher esposa e da mulher filha, que é obrigada a casar-se por interesses das famílias, reverbera até a atualidade (SILVA *et al.*, 2005).

Pode-se dizer que a estrutura cultural "machista" ocorre a algum tempo, contudo, é plausível observar essas práticas cada vez mais evidentes, tomando como base, o processo de educação, em que pode estar associado como um fator desencadeador para essa estrutura, em que é possível observar através de alguns exemplos, como os brinquedos apresentados às crianças. E isto consiste em influenciar que meninas brinquem e ganhem brinquedos de "padrão" feminino, como panelinhas e bonecas, e meninos com "padrão" masculino, carrinhos e ferramentas. Com isso, é cabível mencionar sobre o entretenimento para o público infantil, que contém tal estruturação, cuja caracterização de filmes para meninas, apresenta-se princesas indefesas, a qual era salva por um príncipe, casam-se, têm filhos, e assim vive-se um final feliz; diferente das produções destinadas aos meninos, em que consistem em corridas de carros, aventuras e animais. A visão em que a sociedade e

a indústria cinematográfica querem apresentar é de que a mulher bem sucedida é recatada e do lar (VIEIRA, 2020).

Ao caminhar sob o contexto histórico e sua influência sobre o machismo estrutural, pode-se dizer que, nesse sentido, os mecanismos de comunicação (modos de expressões) e os papéis de poderes (questões de desigualdade e hierarquias) relembram a influência diante da cultura, no que tange aos gêneros, como exemplo, homens que utilizaram por muitos anos a violência como forma de resolução de diversos acontecimentos. Ou seja, a violência por sua vez pode ser considerada uma espécie de herança familiar, em que é possível ter acesso desde o início da vida do sujeito, visualizando e vivenciando conflitos familiares (GRACHER; MEURER, 2021). Deste modo o contexto familiar pode ser fator para manutenção e desenvolvimento para tal comportamento, em que a tradição e hereditariedade pode continuar para o caráter do sujeito machista, homem ou mulher. Pode-se compreender com o seguinte exemplo: uma criança em crescimento, tem o pai como símbolo de responsabilidade e liderança, ao visualizar o pai agredindo, gritando e batendo em sua esposa ou filhos constantemente, tende a entender como um comportamento comum, normalizando tal ação, tornando-se uma herança doméstica.

Sabendo que existem inúmeras variáveis para contribuir e desenvolver o comportamento machista, cabe então analisar quando o comportamento abusivo se inicia. Ao saber que as diversas formas de violências sofridas por mulheres em relações afetivas são denominadas como relacionamento abusivos, e como já visto perpassa historicamente pela sociedade, deste modo, o fenômeno ganhou maior ênfase nos últimos tempos, em que através de movimentos sociais, feministas e a através da criação da Lei Maria da Penha nº 11.340/06 (BRASIL, 2006).

Diante da criação da Lei Maria da Penha em 2006, as violências doméstica e familiar começaram a ser vistas e reconhecidas socialmente. Através de um longo processo para a aprovação desta legislação, ao entrar em vigor deu-se um marco histórico e político para com as lutas aos direitos das mulheres, ao ser reconhecida como um problema de políticas públicas, estabelecendo uma mudança na abordagem jurídica na luta contra a violência de gênero. Antes de sua promulgação a violência contra mulher era classificada como crime de menor potencial ofensivo, que resultava

apenas em penas pecuniárias, podendo ser até o pagamento de cestas básicas à agredida (ROMAGNOLI, 2015).

Desta forma, com a criação d~~esta~~a Lei, passou-se a reprimir a violência contra as mulheres, retirando os maus tratos da esfera privada para colocá-los como problema do Estado, o qual considera o abuso à mulher, como uma violação dos direitos humanos, providenciando as medidas cabíveis (GRIEBLER; BORGES, 2013). Ela modificou o Código Penal Brasileiro, fazendo que o agressor de mulher possa ser preso em flagrante ou tenha prisão preventiva decretada, pois a partir da lei, a agressão tornou-se crime (ROMAGNOLI, 2015). De acordo com essa lei, as formas de violência doméstica são: a) física; b) psicológica; c) sexual; d) patrimonial; e) moral. Adicionalmente, em 2015, foi promulgada a Lei nº 13.104 (BRASIL, 2015) – “Lei do Feminicídio”, a qual prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio e o inclui no rol de crimes hediondos (MARQUES; ABREU; PONTES, 2022).

Definir um relacionamento abusivo é bastante difícil, ao saber que independe de gênero, isto é, ocorre tanto em casais heteroafetivos quanto homoafetivos. Segundo Barretto (2015) a relação abusiva é definida como aquela em que predomina o excesso de poder sobre o outro. Geralmente, esse comportamento inicia de modo sutil e aos poucos ultrapassa os limites causando sofrimento e mal-estar. Em que se caracteriza, em um primeiro momento, pela construção de tensão que se dá através da agressão verbal ou psicológica com gritos, xingamentos, chantagem e constrangimento, até que então, passa para uma outra fase que seria a violência física ou sexual. Ao indicar as principais características de uma pessoa abusiva, podemos iniciar por comportamento de ciúmes e possessividade excessiva, controle sob as ações do parceiro(a), em alguns casos ser violento verbalmente ou fisicamente, e que na maioria das vezes o abusador pressiona ou obriga o parceiro a ter relações sexuais (BARRETTO, 2015).

Um relacionamento é constituído por duas pessoas, em que ambas estão dispostas a conhecer e conviver respectivamente, com a finalidade de tomar consciência de si e do parceiro e assim selar um compromisso ainda maior, noivar, casar, ter filhos ou simplesmente morar juntos. Na expectativa de viver uma união com maturidade, essa paixão pode ser confundida e se tornar uma necessidade de

controle sobre o outro. E assim, surgem as divergências, brigas, o ciúme excessivo e em muitos casos a violência física e psicológica (MACHADO, 2017).

Dado momento em que o indivíduo perde sua liberdade e espontaneidade em desacordo com imposições e intimidação do outro, desta forma, deve ser considerado um relacionamento abusivo. O que acontece na maioria das vezes dentro da privacidade do lar, espaço este que tem como significado simbólico de abrigo e segurança, onde as vítimas, mulheres, deveriam se sentir protegidas, torna-se um local de violência e maus-tratos (LUCENA *et al.*, 2017).

Através deste contexto, existem vários aspectos de violência em um relacionamento abusivo, contudo vamos elencar três principais. A violência física, compreendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal, como exemplo: tapas, socos, empurrões, entre outras ações que muitas vezes deixam marcas invisíveis. A violência sexual, compreendida como qualquer conduta que constrangimento ao presenciar, manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força física, que induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, ou a realizar qualquer ação sexual sem sua vontade própria ou consentimento. A violência psicológica, compreendida como qualquer conduta que lhe cause danos emocionais e diminuição da autoestima, que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento, que visa degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante ou qualquer situação que possa causar prejuízo à saúde psicológica da vítima (GRACHER; MEURER, 2021).

Sabe-se que o abuso psicológico e a violência verbal podem acarretar adoecimento somático, que depois manifesta-se com adoecimento mental ou físico, estes normalmente não ficam reconhecidos como efeitos da violência vivida, já que esse tipo de violência não deixa marcas físicas (ESTRELA *et al.*, 2018).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho organizou-se em uma investigação de natureza qualitativa. Segundo Minayo (2014) a pesquisa qualitativa tem como foco compreender e aprofundar o conhecimento sobre um ou mais fenômenos, seja por meio da percepção de um contexto, ou ainda por meio das experiências e opiniões dos indivíduos participantes da pesquisa. Assim, o presente trabalho pretende investigar as variáveis formas de manutenção do machismo estrutural, bem como suas consequências psicológicas em mulheres que se encontram em um relacionamento abusivo. Trata-se também de uma pesquisa de cunho exploratório, cuja a finalidade é relacionar dois campos de conhecimento, o machismo estrutural e as consequências psicológicas em uma relação conjugal/afetiva heterossexual. Desta forma, esta investigação não pretende esgotar ou sistematizar a literatura disponível sobre a temática.

Trata-se, também, de uma revisão bibliográfica, que é um método científico de pesquisa, onde as obras de um ou mais autores são analisadas. É importante que nela contenha um tema bem definido e dados confiáveis a respeito da temática tratada. Esta investigação constitui uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, uma vez que a busca e análise do material foi orientada, exclusivamente, pelo estudo prévio dos autores acerca da temática apresentada no presente trabalho.

A fim de alcançar os objetivos propostas, foi utilizado os bancos de dados SciELO (Scientific Eletronic Library Online), PepSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e ao Google Acadêmico (entre outras), contendo o cruzamento dos seguintes descritores: "relacionamento abusivo", "relacionamento abusivo Psicologia", "violência contra a mulher", "machismo estrutural" e "machismo". Esta busca resultou em um total de nove artigos.

3. ANÁLISE DE PESQUISA

Encontram-se no presente estudo, a análise dos resultados e discussão obtidos frente ao tema desta pesquisa através de uma revisão bibliográfica, para investigar a manutenção de padrões machistas e alguns de seus impactos sobre as mulheres, especialmente em mulheres que se encontram em relacionamentos abusivos. Desta

forma, das buscas realizadas foram selecionados nove artigos que contemplaram os critérios de inclusão e exclusão. Os artigos analisados estão sumariamente identificados, a seguir, na Tabela 1.

Tabela 1- Identificação dos artigos selecionados.

Autores	Título	Periódico	Ano	Tipo de Estudo
Barretto, Raquel Silva	Relacionamentos Abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final	Revista Gênero	2018	Pesquisa bibliográfica e de campo, semidirigida. A pesquisa de campo foi um estudo de caso, tal área se deu na perspectiva virtual, através do trabalho de um Blog.
D'agostini, Marina et al.	Representações sociais sobre relacionamento abusivo	Brazilian Journal of Development	2021	Pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa de campo se deu através de um questionário online que objetivou o levantamento de dados acerca do entendimento da população frente ao assunto.
Gracher, B., & de Miranda Meurer, L.	O agressor e as circunstâncias diante das relações abusivas sob a perspectiva gestalt-terapia	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação	2021	Pesquisa bibliográfica, busca por artigos e periódicos apresentar a figura do agressor e seus aspectos, e as consequências de seus atos em um relacionamento abusivo.
Maia, Laura R.	A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos	Psicologia-Tubarão	2017	Pesquisa bibliográfica com o objetivo de investigar como a cultura do machismo influencia na manutenção dos relacionamentos abusivos recorrendo sobre os tipos de abuso que ocorrem dentro dos relacionamentos heterossexuais.

Tabela 1 (Continuação)



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Autores	Título	Periódico	Ano	Tipo de Estudo
Méndez, Luis B.	Micromachismos: la violencia invisible en la pareja	Joaquimmonta ner.net	1996	Os dados obtidos surgiram de pesquisas bibliográfica. Tomando neste caso o âmbito do casal heterossexual, e também analisando os seus efeitos nas mulheres, nos homens e na sua relação.
Minayo, Maria C. D. S	Violência e saúde	SciELO Books	2006	Pesquisa de cunho literário. A pesquisa traz uma reflexão e discussão sobre as articulações entre o tema violência e suas repercussões na saúde, assim como evidenciar aspectos históricos, culturais, sociológicos e econômicos acerca do tema.
Oliveira, Raissa M. de	O patriarcado, o machismo e a violência psicológica contra a mulher	UnICEUB	2020	Pesquisa bibliográfica conjugada com estudo de caso de tratamento psicológico da violência contra a mulher, a legislação vigente sobre a violência doméstica e reportagens de veículos de comunicação sobre casos de violência contra a mulher.
Pereira, Daniely C. de S., Camargo, Vanessa S. & Aoyoma Patrícia, C.	Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático	Revista Brasileira De Terapia Comportamental e Cognitiva	2018	Pesquisas bibliográficas e de campo, e entrevista semidirigida. A pesquisa de campo envolveu três mulheres que conviveram em um relacionamento abusivo. A pesquisa bibliográfica, busca por artigos e livros com a temática violência contra a mulher.

Tabela 1 (Conclusão)

Autores	Título	Periódico	Ano	Tipo de Estudo
Ribeiro, Michele B. T .	Aspectos psicológicos e sociais do relacionamento abusivo: uma revisão integrativa de literatura	Doctoral dissertation	2020	Pesquisa bibliográfica, com dados obtidos através de uma revisão integrativa de literatura com produções científicas sobre relacionamento abusivo.

Fonte: elaborado pelos autores do artigo.

3.1 A violência que afeta a integridade da mulher

Nos tempos atuais, percebe-se o alto índice de violência no país, principalmente contra a mulher. Tal violência que denigre o físico e a saúde mental da vítima. Conforme Minayo (2006), “a violência não é uma, é múltipla. De origem latina, o vocábulo vem da palavra vis, que quer dizer força e se refere às noções de constrangimento e de uso da superioridade física sobre o outro” (p. 13). Ademais, a violência se caracteriza, muito mais do que o ataque físico, mas, a sujeição do poder sobre o outro.

A manutenção da violência da mulher é perceptível, tendo em vista que em 2005, a lei Maria da Penha tenha sido sancionada, a fim de proteger os direitos das mulheres. Conforme O Ministério Da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), as características de violência, se dividem, entretanto, se entrelaçam em violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Tendo em vista tais pressupostos, a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONH), registrou mais de 30 mil denúncias no primeiro semestre de 2022. Dados importantes para a vigência do assunto e que cresce de forma abundante no país.

(...) no centro de tudo, a ‘violência física’, que atinge diretamente a integridade corporal e que pode ser traduzida nos homicídios, agressões, violações, torturas, roubos a mão armada; a ‘violência econômica’, que consiste no desrespeito e apropriação, contra a vontade dos donos ou de forma agressiva, de algo de sua propriedade e de seus bens; e, por último, a ‘violência moral e simbólica’, aquela que trata da dominação cultural,

ofendendo a dignidade e desrespeitando os direitos do outro (MINAYO, p. 15, 2006).

Portanto, a violência pode se caracterizar com intuito da ação de uma força física, em contrapartida, não se enraíza apenas nisso, tendo foco também em um determinado abuso de poder que avaria a moral do sujeito, prejudicando sua integridade, saúde mental e desmantelando sua identidade. Portanto, o violentador, assume um papel de abusador que mantém a vítima como objeto.

Conforme Barretto (2018) “nas relações abusivas, o poder está no cerne da questão, ela demonstra a desigualdade existente entre as forças do abusador e do sujeito que sofre o abuso” (p.143). Essa força se mensura na submissão do abusado, onde é controlado e culminado pelo sentimento de posse do abusador (FOUCAULT, 1995). Isto é apontado, em demais vezes, em relacionamentos, que se caracterizam relacionamentos abusivos, onde há algum tipo de violência, na maioria das vezes, sofrida por mulheres.

Sabe-se que não é determinante o gênero diante a violência. Entretanto, é comprovado em dados, o maior índice de violência contra a mulher, sendo que, conforme o Gov.br (2022), no Brasil, mais de 31 mil denúncias de violência doméstica foram registrados no ano de 2022, tendo em vista, todo efeito patriarcal e os machismos estruturais em grande parte da sociedade. Essa construção de modelo patriarcal familiar em relacionamentos heterossexuais trouxe uma determinada dominação entre homem e mulher, prejudicando e enraizando comportamentos negativos em decorrência aos machismos e micromachismos.

3.2 O machismo estrutural enraizado nos tempos atuais

É notório que o machismo estrutural enraizado no tecido social, tem sido a gênese do problema. Ao decorrer dos anos, dentre esse machismo estrutural, a mulher se tornou coadjuvante de sua própria história, tendo em vista, que diante o papel social, a mulher teve seu espaço reduzido e condicionado às deliberações do homem.

Neste contexto, a escritora de “O segundo sexo” (BEAUVOIR, 1970), cita em sua obra que a emancipação feminina e o rompimento com o papel secundário exercido nas relações são debatidos. Logo, é fundamental uma restauração na sociedade, de modo a superar a concepção de que exista uma inferioridade feminina (BEAUVOIR, 1970). Portanto, diante a todo contexto histórico e social, a imagem feminina sempre foi limitada diante aos preceitos masculinos, trazendo consequências ao futuro e as escolhas de sua individualidade.

Diante disso, muitas vezes, grande parte da sociedade se adentra aos micromachismos presentes nos dias atuais. Independe de homens, mulheres, jovens ou velhos. Isso acontece devido a cultura patriarcal, que invade a atualidade e traz o machismo como efeito de dominação e poder.

Méndez (1996) em sua obra evidencia tal fundamento:

(...) ou seja, os mM são microabusos e microviolências que tentam fazer com que o homem mantenha sua própria posição de gênero criando uma rede que sutilmente aprisiona as mulheres, tentando sua autonomia pessoal se ela não os descobrir (às vezes podem passar anos sem que ela o faça), e sabe como contra-manobrar eficazmente. Eles são a base e são o terreno fértil para as outras formas violência de gênero (abuso psicológico, emocional, físico, sexual e econômico) e são as "armas" masculinas mais usadas com as quais se tenta impor sem concordar por conta própria ponto de vista ou razão (p.4).

Portanto, os micromachismos, que se transfiguram como pequenos machismos, tais como, aqueles presentes em nossa sociedade que emergem no cotidiano de forma sutil, onde crescem e se expandem, até mesmo “sem perceber”, necessariamente por serem consequência de um processo histórico, patriarcal e até mesmo familiar. E, apesar de parecer inconsequente para as interações pessoais, os micromachismos podem causar um revés na dimensão social, transformando a mulher como adversária do homem, em sociedade ou, nomeadamente, em relacionamentos (MÉNDEZ, 1996).

Tende-se a entender como adversário, um ser que é antagônico e oponente. Em uma perspectiva do senso comum, aquele que está do outro lado, em combate e em contraposição. Como foi citado, os micromachismos, podem tornar a mulher como

adversária do homem, porém, em contrapartida, em relacionamentos abusivos, muito mais que adversária, a mulher se torna um objeto limitado ao poder de seu parceiro.

3.3 O impacto do relacionamento abusivo nas mulheres

Ao analisar os impactos sobre as mulheres que se encontram em relacionamento abusivo, Pereira *et al.* (2018) aponta que diante de um contexto violento, a mulher pode apresentar dificuldades de se comunicar com os outros, de reconhecer e comprometer-se de forma realista com os desafios encontrados, além de desenvolver sentimento de insegurança. Segundo Oliveira (2018), o machismo moldou a sociedade de forma que a mulher agredida tem medo de ser motivo de chacota, depreciação ou insinuações de indecência.

Desta forma, este comportamento da mulher, pode-se compreender como variáveis que afetam a permanência no relacionamento, em que o fenômeno do abuso dentro de um relacionamento é percebido como um processo interacional e cíclico, que acaba por manter uma relação abusiva de forma contínua e diversificada sustentada por um período longo (RIBEIRO, 2020). Entende-se que a interrupção de uma relação abusiva pode demorar acontecer, pois muitas mulheres se sujeitam a essa situação por diversos motivos: medo de morrer, dependência emocional, ameaças, por vergonha, sentimento de fracasso ante o rompimento, baixa autoestima e algumas vezes até o sentimento de culpa pela violência sofrida (GOMES; FERNANDES, 2018).

Outro fator que contribui para a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos é a dependência financeira, em que se submete a manutenção do relacionamento, pois a necessidade de proventos faz com que as vítimas de violência conjugal pactuem com um relacionamento violento e submisso mostrando que, muitas vezes, a dependência financeira é fator de corroboração em um relacionamento marcado pela violência (PEREIRA *et al.*, 2018). Segundo Holanda *et al.* (2019), mulheres com nível de instrução mais elevado tendem a sentir-se mais empoderadas e, quanto mais qualificadas se tornam, mais chances têm de ascender profissionalmente, desenvolvendo dessa forma, uma melhor autoestima e autonomia.

Santos e Moré (2011) validam esse estudo quando afirmam que com limitação na educação, elas findam em trabalhos desvalorizados socialmente e mal remunerados ou ficam postergadas ao trabalho de casa, ocorrendo assim uma total dependência do companheiro, o que acaba por colocá-lo em lugar de submissão (RIBEIRO, 2020).

A baixa autoestima pode ser outro fator para mulheres se submeter ou manter relacionamentos abusivos. E como consequência da manutenção do mesmo, a autoestima acaba diminuindo, ou seja, ela pode ser causa ou consequência desse processo.

Frente a isso, ao versar sobre as consequências na saúde mental da mulher, a violência psicológica na perspectiva de Maia (2017) e Oliveira (2020) apontam que o abuso psicológico, é em regra o mais difícil de ser identificado. Afirmam que a violência psicológica acontece quando há insulto, injúria, humilhação, frieza, isolamento, ameaças ou atitude suspeita a fim de despertar ciúme ou insegurança no outro e comportamentos que causam danos emocionais evidentes ou não. Contudo, estes atos podem estar escondidos em gestos de ciúmes, humilhação, ironias, ofensas e controle investidos por homens. Para D' Agostini *et al.* (2021), essa violência pode ser entendida como uma forma de reprimir a liberdade de um sujeito, ou até mesmo um grupo de pessoas, restringindo fisicamente ou moralmente.

Segundo Pereira *et al.* (2018), as consequências emocionais para a mulher que se encontra nesta posição são diversas, visto que a violência psicológica compromete a saúde mental, isto é, a habilidade de utilizar adequadamente seus recursos para o cumprimento das tarefas relevantes em sua vida. Pode levar a ocorrer alterações psíquicas, surgindo em função de algumas experiências. Ribeiro (2020) aponta que este tipo de abuso pode acarretar um grande sofrimento psíquico, levando a mulher a adoecimentos, advindo de somatizações, como insônia, falta de concentração, irritabilidade, falta de apetite e até o aparecimento de psicopatologias como a como quadro de depressão, ansiedade, estresse pós-traumático, comportamentos autodestrutivos, como uso de psicoativos e até casos de suicídio.

Maia (2017) aponta algumas manifestações da natureza da violência psicológica contra a mulher, vítima em uma relação conjugal, como: impedir a mulher de trabalhar fora de casa, ameaçá-la de espancamento e de morte, de tirar-lhe os

filhos caso ela o deixe, ameaça de suicídio, de vingar dos parentes dela, criticá-la por meio de ironias e piadas a seu corpo; insinuações que ela o trai. Neste ponto, conforme Silva, Coelho e Njaine (2013), os homens, diante do fenômeno da traição, sentem-se feridos em sua masculinidade e algumas vezes justificam os maus tratos culpabilizando a mulher, tentando inverter o papel de vítima, responsabilizando-as pela violência a elas dirigida.

Identificou-se também, o uso de álcool, como droga lícita e fomentador de fatos abusivos. Segundo Gracher e Meurer (2021) o álcool é considerado um dos principais motivadores da violência, a qual o agressor busca pelo prazer, esquecimento, tranquilidade e sacio de suas necessidades, em que possui como consequência os atos violentos que podem vir ao encontro dos desejos inibidos. Desta forma, esse caso pode refletir em crises, frustrações e problemas com expressões verbais e emocionais, entre outras questões psicológicas não elaboradas, e que assim pode acarretar sua parceira a exprimir o sofrimento psicológico, físico ou verbal, tornando-a sua vítima. Importante salientar sobre as doenças psicossomáticas, uma vez que essa teve como base de seu primeiro estudo, o efeito que estar enamorado tinha sobre certas doenças, por exemplo a epilepsia, e depois buscou explicar a influência de doenças corporais sobre o psiquismo. Sendo assim, grande parte das doenças psicossomáticas vão ao encontro dos relacionamentos abusivos, de maneira que ela surge para a produção de sentido, quando a enfermidade, aparentemente orgânica, passam a envolver indiretamente cada um, assim elas surgem em busca de algum tratamento para as emoções (D'AGOSTINI *et al.*, 2021).

A luz da letra da Lei Maria da Penha nº 11.340/06 (BRASIL, 2006), a violência psicológica definida no Art. 7º, inciso III é indicada como condutas que prejudiquem ou perturbem o desenvolvimento de ações, crenças, decisões, comportamentos, ou ainda que afetem emocionalmente e que diminuem a autoestima da mulher, mediante ameaça, humilhação, isolamento, manipulação, e outro qualquer meio que cause prejuízo à autodeterminação e à saúde psicológica (CUNHA, 2016).

Tendo em base os trabalhos analisados, suas concepções, consequências e as diversas formas de violência perpetrada à mulher que se encontram em relacionamentos abusivos, afirmam que a violência presente em relações

conjugais/afetivas concerne à violação dos direitos humanos das mulheres. Desta forma é fundamental o desdobramento de políticas públicas que as reduzam. Cabe ao Estado garantir a implementação dessas políticas a fim de que assegure mudanças na vida das mulheres.

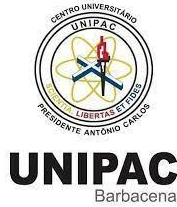
A Lei Maria da Penha nº 11.340/06 (BRASIL, 2006) em suma, foi uma conquista de grande importância, dando amparo e apoio às mulheres em situação de abuso, sendo considerado qualquer tipo de violência (física, psicológica, sexual, patrimonial e moral) contra a mulher configura-se assim como uma violação aos direitos humanos, de modo a asseverar que as violências impetradas contra a mulher passam a ser um problema do Estado e já não mais na esfera privada, passando a garantir o encaminhamento essencial.

Contudo, percebe-se a necessidade de fomentar os serviços especializados que atendem às mulheres que sofrem de violência, especificamente em relacionamentos abusivos. Nota-se a necessidade de estratégias que estejam voltadas para o acolhimento feminino, como por exemplo, uma rede de apoio que ofereça atendimento psicológico gratuito para mulheres que sofrem de qualquer tipo de violência psicológica, relacionada ao relacionamento abusivo.

CONCLUSÃO

Demonstra-se, a partir deste estudo, que a violência contra a mulher se faz presente em grande parte da sociedade e como ela se divide em especificações diferentes, entretanto, causando consequências às mulheres, como problemas com autoestima, danos à saúde física e mental, escassez de perspectiva de vida e futuro, isolamento social, transmissão geracional, traumas psicológicos e falta de controle financeiro.

Com base nisso, confirma-se que a violência contra a mulher e o relacionamento abusivo não nomeiam uma classe social, encontrando-se presente desde a classe mais favorecida, até a menos favorecida. Portanto, é perceptível que exista uma linha tênue entre esses dois fatores, pois muitas mulheres de baixa renda se encontram aprisionadas em um relacionamento abusivo por não terem grandes

**UNIPAC****Centro Universitário Presidente Antônio Carlos**

condições financeiras, emprego ou até mesmo por perder sua própria identidade e subjetividade, sentindo-se inseguras em trilhar seu próprio caminho de forma individual. Diante disso, o papel do psicólogo é de suma importância, tendo em vista, a importância pela busca da identidade da vítima e a precisão de intervenções de uma Rede de Apoio para as mulheres, incluindo as políticas públicas, que serve como uma maior base de enfrentamento contra a violência contra a mulher.

Portanto, atesta-se com esse estudo a forma que os machismos e micromachismos enraizados em nossa sociedade abrangem uma série de consequências para a mulher, sendo necessária uma intervenção na sociedade, com maiores informações e palestras. Dessa maneira, a psicologia irá abrir meios de acolhimento tanto para a vítima quanto para o agressor e autor do abuso, pois ambos necessitam de orientação psicológica para lidarem com seus sofrimentos, e mais ainda sobre como lidar com a imposição de objetificação do outro (MONTEIRO, 2012).

THE MAINTENANCE OF SEXIST PATTERNS IN TODAY'S SOCIETY AND SOME OF THEIR IMPACTS ON WOMEN, ESPECIALLY WOMEN WHO FIND THEMSELVES IN AN ABUSIVE RELATIONSHIP

Carla Vitória Barbosa de Sousa

Henrique Martins Silva Paiva

ABSTRACT

Considering the increase in statistical data of women suffering violence, the research focused on investigating what has already been published in Psychology about the machismo theme and abusive relationships experienced by women in heterosexual conjugal/affectionate relationships, as well as analyzing their social and historical context. Thus, this study aims to unveil the possible variables related to the maintenance of sexist patterns in today's society and some of its impacts on women, especially those in abusive relationships. It is understood that overcoming the aspects of an abusive marital relationship constitutes a challenge, and for that, this article is a qualitative research, in which a bibliographic review in databases such as SciELO (Scientific Eletronic Library Online), PepSIC (Electronic Periodicals of Psychology) and Google Scholar (among others) was carried out. Thus, the results presented in the units of analysis showed that the violence present in conjugal/affective relationships concerns the violation of women's human rights. Thus, it is essential the development of public policies that reduce them, the enforcement and creation of stricter laws, in addition to the need for strategies that are focused on the reception of women, such as a support network that offers free psychological care for women who suffer from any type of psychological violence.

Keywords: Abusive relationship; Chauvinism; Micromachism; Violence against women.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, S.R. O que caracteriza o relacionamento abusivo? **Repórter Unesp**. 2015. Disponível em: <http://reporterunesp.jor.br/psicologa-explica-relacionamentos-abusivos-oque-e-e-como-lidar-com-essa-situacao/>. Acesso em: 10 set. 2022.

BARRETTO, R.S. Relacionamentos Abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final. **Revista Gênero**, v. 18, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31312>. Acesso em: 14 set. 2022.

BRASIL. Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher [...], altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: <http://dspace.mj.gov.br/handle/1/1399>. Acesso em: 18 set. 2022.

BRASIL. Decreto-Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. **Lei Nº 13.104, de 9 de Março de 2015.**: Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Brasília, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm. Acesso em: 18 nov. 2022.

D'AGOSTINI, M. et al. Representações sociais sobre relacionamento abusivo. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 2, p. 20701-20721, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/25423>. Acesso em: 15 de set. 2022.

DELUMEAU, J. História do medo no ocidente (1300-1800). **Companhia de Bolso**, São Paulo, 1978.

DRUMONT, M.P. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, 3: 81-86, 1980. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/108171/ISSN1984-0241-1980-3-81-85.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 set. 2022.

ESTRELA, F.M. et al. Expressões e repercussões da violência conjugal: processos de mulheres numa vara judicial. **Rev enferm UFPE on line**. Recife, v.12, n.9, p.2418-27, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-995849>. Acesso em: 15 set. 2022.



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

21

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

GOMES, I.R.R.; FERNANDES, S.C.S. A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v.38, n.94. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000100006. Acesso em: 14 set. 2022.

GRACHER, B.; MEURER, L.D.M. O agressor e as circunstâncias diante das relações abusivas sob a perspectiva gestalt-terapia. **Rev. Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo. v. 7, n. 12, p. 1570-1592, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/3616>. acesso em: 10 set. 2022.

GRIEBLER, C.N., BORGES Jeane Lessinger. **Psico**, Rio Grande do Sul, 2013, n. 2, pp. 215-225. em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11463/9640>. Acesso em 24 set. 2022.

HOLANDA, E.R. HOLANDA, et al. Fatores associados à violência contra as mulheres na atenção primária de saúde. **Revista brasileira em promoção da saúde**, Pernambuco, v. 31, n. 1. 2018. Disponível em <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/6580/pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

LUCENA, Kerle D.T.D. et al. Associação entre a violência doméstica e a qualidade de vida das mulheres. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, São Paulo, v.25, p.1-8, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/VLgqxWwJYfy3vgjr5vP7mmn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2022.

MACHADO, D. Como saber se vivo um namoro abusivo? **Formação Canção Nova**, 2017. Disponível em <https://formacao.cancaonova.com/relacionamento/namoro/como-saber-se-vivo-umnamoro-abusivo/>. Acesso em: 20 set. 2022.

MAIA, L.R.; A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos. **Psicologia-Tubarão**, 2017. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10409>. Acesso em: 10 set. 2022.

MARQUES, N.S.; ABREU, P.S.; PONTES, M.M. Análise funcional da norma técnica uniformizadora dos centros de referência da mulher. *Acta Comportamentalia*: **Revista Latina de Análisis de Comportamiento**, v. 30, n. 2, p. 303-317, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2745/274571191006/274571191006.pdf> Acesso em: 16 set. 2022.

MÉNDEZ, L.B. Micromachismos: la violencia invisible **en la pareja. Primeras Jornadas de género en la sociedad actual. Valencia: Generalitat Valenciana**, p. 25-45, 1996. Disponível em: <http://adolescentesinviolenciadegennero.com/test/download/Micromachismos-violencia-invisible-Bonino.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

MINAYO, M.C.S. Violência e saúde [online]. **Editora Fiocruz**, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/y9sxc>. Acesso em: 20 set. 2022.

MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisas qualitativas em saúde. São Paulo (SP): Hucitec, 2014. 393p.

MONTEIRO, F. S. O papel do psicólogo no atendimento às vítimas e autores de violência doméstica. UNICEUB, Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/2593>. Acesso em: 20 set. 2022.

OLIVEIRA, R.M.D. O patriarcado, o machismo e a violência psicológica contra a mulher. **UNICEUB**, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14844>. Acesso em: 10 set. 2022.

PEREIRA D.C.D.S. et. al. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 20, n. 2, p. 10-25, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1026>. Acesso em: 14 set. 2022.

PRIORE, M. (Org.). História das mulheres no Brasil. **Contexto**. 7ª ed. São Paulo, 2004. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=8KgRI5ZvX8wC&oi=fnd&pg=PA7&dq=priore+hist%C3%B3ria+das+mulheres+no+bras&ots=Nu0NRJ_O-N&sig=pqzVJQlqKw7dW564S4Muk_7oNGc. Acesso em: 14 set. 2022.

RIBEIRO, M.B.T. Aspectos psicológicos e sociais do relacionamento abusivo: uma revisão integrativa de literatura. **Unifametro Tese de Doutorado**. Fortaleza, 2020. Disponível em <http://repositorio.unifametro.edu.br/handle/123456789/447>. Acesso em: 18 set. 2022.

ROMAGNOLI, R.C. Várias Marias: efeitos da Lei Maria da Penha nas delegacias. **Fractal: Revista de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 114-122, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/N9MLKxsbFTGKSZbR5Fmgmff/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2022.

SANTOS, A.C.W.D.; MORE, C. L. O. O. Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v.31. n.2. 2011. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

23

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

[98932011000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=en#:~:text=Somado%20a%20isso%20%20crian%C3%A7as%20e,as%20relacionadas%20ao%20processo%20de](https://www.unipac.br/portal/verbo/98932011000200003&lng=en&nrm=iso&tlng=en#:~:text=Somado%20a%20isso%20%20crian%C3%A7as%20e,as%20relacionadas%20ao%20processo%20de). Acesso em: 14 set. 2022.

SILVA, et al. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar – SBPH**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582005000200006. Acesso em: 15 set. 2022.

SILVA, A.C.L.G.D.; COELHO, E. B. S.; NJAINE, K. Violência conjugal: as controvérsias no relato dos parceiros íntimos em inquéritos policiais. **Ciênc. saúde coletiva [online]**, v.19, n.4, p.1255-1262. 2014 Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014194.01202013>. Acesso em: 18 set. 2022.

VIEIRA, E.M. et al., Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. **Rev. Saúde Pública**. São Paulo, v.45. n.4, p.730-7, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rsp/v45n4/2647.pdf>. Acesso em: 24 set. 2022.

APÊNDICE

A) Identificação dos artigos selecionados para análise de pesquisa.

Tabela 1.

Autores	Título	Periódico	Ano	Tipo de Estudo
Barretto, Raquel Silva	Relacionamentos Abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final	Revista Gênero	2018	Pesquisa bibliográfica e de campo, semidirigida. A pesquisa de campo foi um estudo de caso, tal área se deu na perspectiva virtual, através do trabalho de um Blog.
D'agostini, Marina et al.	Representações sociais sobre relacionamento abusivo	Brazilian Journal of Development	2021	Pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa de campo se deu através de um questionário online que objetivou o levantamento de dados acerca do entendimento da população frente ao assunto.
Gracher, B., & de Miranda Meurer, L.	O agressor e as circunstâncias diante das relações abusivas sob a perspectiva gestalt-terapia	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação	2021	Pesquisa bibliográfica, busca por artigos e periódicos apresentar a figura do agressor e seus aspectos, e as consequências de seus atos em um relacionamento abusivo.

Maia, Laura R.	A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos	Psicologia-Tubarão	2017	Pesquisa bibliográfica com o objetivo de investigar como a cultura do machismo influencia na manutenção dos relacionamentos abusivos recorrendo sobre os tipos de abuso que ocorrem dentro dos relacionamentos heterossexuais.
----------------	---	--------------------	------	--

Tabela 1 (Continuação)

Autores	Título	Periódico	Ano	Tipo de Estudo
Méndez, Luis B.	Micromachismos: la violencia invisible en la pareja	Joaquimmonta ner.net	1996	Os dados obtidos surgiram de pesquisas bibliográfica. Tomando neste caso o âmbito do casal heterossexual, e também analisando os seus efeitos nas mulheres, nos homens e na sua relação.
Minayo, Maria C. D. S	Violência e saúde	SciELO Books	2006	Pesquisa de cunho literário. A pesquisa traz uma reflexão e discussão sobre as articulações entre o tema violência e suas repercussões na saúde, assim como evidenciar aspectos históricos, culturais, sociológicos e econômicos acerca do tema.
Oliveira, Raissa M. de	O patriarcado, o machismo e a violência psicológica contra a mulher	UniCEUB	2020	Pesquisa bibliográfica conjugada com estudo de caso de tratamento psicológico da violência contra a mulher, a legislação vigente sobre a violência doméstica e reportagens de veículos de comunicação sobre casos de violência contra a mulher.



UNIPAC
Barbacena

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

Pereira, Daniely C. de S., Camargo, Vanessa S. & Aoyoma Patrícia, C.	Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático	Revista Brasileira De Terapia Comportament al e Cognitiva	2018	Pesquisas bibliográficas e de campo, e entrevista semidirigida. A pesquisa de campo envolveu três mulheres que conviveram em um relacionamento abusivo. A pesquisa bibliográfica, busca por artigos e livros com a temática violência contra a mulher.
---	--	---	------	--

Tabela 1 (Conclusão)

Autores	Título	Periódico	Ano	Tipo de Estudo
Ribeiro, Michele B. T .	Aspectos psicológicos e sociais do relacionamento abusivo: uma revisão integrativa de literatura	Doctoral dissertation	2020	Pesquisa bibliográfica, com dados obtidos através de uma revisão integrativa de literatura com produções científicas sobre relacionamento abusivo.

Fonte: elaborado pelos autores do artigo.